

Jornalismo e História: Convergências e Confrontos na Mídia¹

Alice Mitika KOSHIYAMA²

Resumo

Jornalistas e historiadores atuam na mídia publicando textos e m formato de matérias jornalísticas, textos de divulgação científica e obras de divulgação sobre temas da história e livros de jornalismo investigativo sobre eventos e personagens históricos. O uso de suportes impressos, digitais e eletrônicos ampliaram os meios de expressão de jornalistas e historiadores na mídia e ao mesmo tempo atualizaram o debate sobre as relações entre jornalismo e história. A relação dos jornalistas profissionais com o campo dos estudos históricos é um tema que avaliamos seja do ponto de vista do ensino do jornalismo, seja a partir de uma abordagem das práticas profissionais de jornalistas e pesquisadores.

Palavras chaves: jornalismo; história: ensino de jornalismo; história pública; Brasil:1964

1. A história na formação dos jornalistas

Vimos a importância de aproximar jornalistas das questões da história nas práticas profissionais e nas reflexões teóricas ao trabalhar com o ensino para estudantes do curso de Jornalismo em graduação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), .

Encaminhamos uma avaliação sobre a história nos mais diversos espaços com a análise de obras de historiadores, de jornalistas que divulgam pesquisas históricas nos meios de comunicação e de historiadores que difundem o conhecimento histórico em textos jornalísticos.

As questões de ensino, pesquisa e uso da história são essenciais para formar a consciência social dos jornalistas como cidadãos e trabalhadores intelectuais, conforme percebemos nas três disciplinas ministradas como parte do currículo de graduação do atual currículo do Curso de |Jornalismo da ECA-USP. Adotamos abordagens interdisciplinares entre os campos de teoria e prática da história e do jornalismo..

Usamos nossa formação como historiadora e jornalista e do acompanhamento do trabalho de jornalistas e historiadores elaboramos análises que apontam vários caminhos para a pesquisa e a prática do jornalismo.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do POSCOM em Ciências da Comunicação e do Curso de Jornalismo da ECA-USP. Coordenadora do grupo de pesquisa Jornalismo e a Construção da Cidadania (CNPq). .Pesquisa comunicação, história, cidadania, feminismo, ensino de jornalismo. Email: alicemitika@yahoo.com

As possibilidades construídas pelo uso dos múltiplos recursos da tecnologia no jornalismo devem ser mostradas e aplicadas no ensino da profissão. Mas a perspectiva histórica é essencial para destruir a ilusão de que são as tecnologias as responsáveis pelas mudanças sociais, como defendem vários livros que exaltam as benesses da tecnologia. Pelo ensino das diferentes interpretações da história formamos a noção de que são as pessoas que usam as tecnologias e as colocam a serviço de seus valores, interesses e ideologias. A existência de contextos culturais, políticos, econômicos é parte de um sistema em que o jornalismo é praticado.

É preciso clareza para mostrar a profissão como trabalho pautado por conhecimentos técnicos e orientado pela convicções éticas e políticas dos seus praticantes. A ética profissional deve ser uma ética de princípios? Então por que temos, com bastante frequência, o domínio de uma ética de resultados, de ordem política e partidária ou mercadológica? Trata-se de um eterno confronto entre o ideal e a possibilidade e não, como alegam alguns, cinicamente, que o jornalismo não mais existe e que agora temos o livre mercado ou as ditaduras.

Enfim, temos jornalismo como campo de prática profissional, passível de um ordenamento didático e pedagógico, expresso em parâmetros curriculares de ensino, orientadores da formação profissional em que se propõe uma relação com a cultura, a sociedade, em nível superior. Somos de opinião que nos falta aprofundar as avaliações sobre as diferentes possibilidades de uso da comunicação em jornalismo.

Atualmente no campo da prática da pesquisa e ensino da história temos um permanente debate sobre as relações da profissão com a formação especializada em todos os níveis de estudo, do ensino elementar aos estudos pós-graduados. Com a proposta de uma “história pública” temos a criação de um campo de trabalho que aglutina pesquisas acadêmicas, ensino e divulgação científica e jornalística da história.

Percebemos que muito tempo se gastou com a idéia de legitimar a profissão de jornalista a partir da posse do diploma de uma escola de jornalismo e tivemos poucas oportunidades de avaliar as nossas condições políticas, éticas e operacionais na sociedade.

Os historiadores discutem a questão do diploma como um aval para atuar no ensino elementar e médio, mas debatem as possibilidades de várias formas de práticas históricas na sociedade, e com esse movimento aglutinam ao campo as diversas maneiras de lidar com o passado, a memória e seu registro e difusão.

2. Historiadores versus jornalistas

A formação acadêmica proposta para jornalistas e historiadores contribui para a construção de demandas específicas, para a criação de uma visão destinada a defender a preservação de possíveis valores ideais ligados às suas áreas de trabalho.

Ao pesquisar e ensino de história nos cursos de jornalismo estudamos a divulgação sobre temas da história. Nessas condições, vivenciamos as questões que atingem este campo de estudos e que mobiliza historiadores profissionais e jornalistas, às vezes em tensão. Em princípio, notamos uma diversidade de posições. Alguns defendem um modo de apresentar os conhecimentos organizados em um discurso específico. Entre os historiadores, há os que pretendem fazer ciência e falam em jargão a seus pares e ainda há aqueles que buscam divulgar o que acreditam ser de interesse para um público mais amplo de um tema. Outros procuram com os princípios do jornalismo científico mostrar as contribuições da pesquisa histórica em uma narrativa interessante para leitores não especialistas do tema relatado, mas respeitando os cânones da pesquisa científica.

Descobrimos também historiadores profissionais que não objetivam serem lidos e debatidos por um público de não especialistas do seu tema de pesquisa e rejeitam a idéia de ampliar a audiência por temer a vulgarização e a deturpação dos dados de suas pesquisas. Porém há os que concordam com Luciano Figueiredo, o então editor da Revista de História da Biblioteca Nacional (RHBN), para quem a divulgação científica na perspectiva do pesquisador é uma forma de buscar novos públicos.

“Trata-se da apresentação de conhecimento acadêmico, acompanhada por especialistas da área, sob novas formas e suportes para um público ampliado. Sob esse recorte a experiência de uma revista de História como a nossa, destinada ao grande público, e algumas outras iniciativas recentes de difusão (exposições, sites, programas de rádio) feitas a partir da iniciativa da academia representam ainda muito pouco do que devemos e podemos – cientistas sociais - fazer.”
(FIGUEIREDO, 2010)

Entendemos que a ampliação do público atinge aos interessados em história, como os estudantes e docentes da área, que se valem do material para atualização de informação e formação de um acervo de textos didáticos para uso imediato. Acreditamos que jornalistas e historiadores conseguem trabalhar, na perspectiva de Luciano Figueiredo, na divulgação científica da história.

Da relação dos jornalistas com a pesquisa da história, Luciano Figueiredo extraiu algumas observações, nem sempre generalizáveis, na medida em que temos autores que transitam bem no jornalismo e na pesquisa científica em história.

“É uma convivência carregada de tensões, mas necessária. Ela se desdobra em situações as mais diversas e aqui tratarei apenas do jornalismo autoral e impresso. Jornalistas habitualmente escrevem sobre história para o público não-especializado, embalados por um aguçado senso de oportunidade e gosto por episódios e personagens do passado.”

Publicam sem o fardo do respeito aos pressupostos teóricos e metodológicos da disciplina, apesar de freqüentarem os arquivos e bibliotecas e muitas vezes percorrerem a bibliografia sobre o tema.

A história aparece narrada como ficção, sem qualquer compromisso com a busca de compreensão das dinâmicas desta ou daquela época.”

“Às vezes agradam o público – como acontece com Eduardo Bueno e Laurentino Gomes – e raro são os que não ferem princípios que os historiadores julgamos importantes: elegem nuances que nem sempre tem qualquer representatividade, apelam ao pitoresco, além de cometerem anacronismos. “

É evidente que jornalistas não têm obrigação de dominar todos os métodos do ofício de historiador e o passado tampouco é exclusividade deste último.

Mas vale que conheçam algumas questões elementares da disciplina. Da mesma forma os historiadores podem se beneficiar na troca. “ (FIGUEIREDO, 2010).

O arrazoado estabelece uma hierarquia propondo maior rigor teórico e metodológico do pesquisador em história em relação aos jornalistas. No entanto, pensamos que são instâncias diferentes de trabalho.

Jornalistas que escrevem sobre história, a partir dos cânones do jornalismo, são pessoas que com seu trabalho contribuem para a ampliação da informação histórica da população. Lembramos que no início da nossa escolarização desenvolvemos o gosto pelo ler e ouvir narrativas, sem a preocupação em desvendar se eram ou não verdades resultantes do ofício de historiador. Depois pudemos compreender o que eram mitos, ideologias, preconceitos, verdades e mentiras em relação a um padrão de conhecimento construído.

Notamos que jornalistas competentes passaram a produzir livros que divulgam a nossa história para um público que, seguramente não leria obras eruditas de início, mesmo que tenha uma formação cultural que permita esse passo, talvez pela barreira da escrita acadêmica. São jornalistas divulgadores de pesquisas históricas que constroem narrativas acessíveis a leitores não especializados nos temas, e se apóiam em leituras de obras disponíveis, inclusive pesquisas científicas, sobre temas escolhidos.

Um exemplo é o premiado autor de best-sellers Laurentino Gomes com seus estudos: *1808*, publicado em 2007, *1822*, publicado em 2010, *1889*, publicado em 2013, obras que o transformaram em escritor profissional, um narrador comentado por historiadores profissionais, memorialistas e jornalistas. Arguido pelos entrevistadores, no programa Roda Viva, da TV Cultura, em 26 de dezembro de 2011, relatou como se tornou em escritor de livros em tempo integral, com nicho em, história do Brasil. Aprendeu com o escritor

Paulo Coelho o que precisava fazer para divulgar seu trabalho e manter os leitores em sintonia com as suas produções.

Gomes não se pretende ser historiador e aceita algumas das observações de Luciano Figueiredo. Ele assimilou bem as críticas que recebeu sobre ele não ser um pesquisador que traz uma contribuição inédita teórica ou metodológica para a pesquisa histórica em história do Brasil no século XIX. Mas lembrou os elogios de historiadores ao seu trabalho, por ser um divulgador dos fatos e personagens da história. Legitima-se como um contador de histórias e reconhece a importância dos anos de formação para escrever regularmente e com método, no exercício do jornalismo, e reafirma: “Não deixei de ser jornalista, e a essência do trabalho que faço é jornalístico, eu faço reportagem.”

3. Ponto de confluência no respeito á verdade

Jornalistas e historiadores podem ocupar na comunicação de massas posições convergentes, dependendo das concepções assumidas sobre os dois campos de atividades. Existe um nível de exatidão e de verdade para jornalistas e historiadores quando informam sobre o que aconteceu e estabelecem interpretações para o acontecido. Consideramos a possibilidade de que ambos os profissionais possam trabalhar para divulgar o conhecimento das questões do campo da história. Vejamos uma obra traduzida, do famoso jornalista polonês, Rudyard Kapskinski, *O Xá dos Xás* (Companhia das Letras, 2012) apresentada como um livro sobre acontecimentos históricos. Trata-se de narrativa sobre os últimos dias do Xá Reza Pahlevi e os primeiros dias da Revolução Iraniana de 1979, que alçou ao poder o Aiatolá Khomeini. Duas das resenhas publicadas sobre o livro desqualificam o trabalho, lançado originalmente em 1983, enquanto produção de pesquisa científica em história, e até mesmo jornalística. Luciano Trigo aponta imprecisões documentais em um “relato supostamente jornalístico” (2012) e J. B. Natali (2012) aborda as interpretações subjetivas como a visão de um Khomeini defensor dos oprimidos, no afã de denunciar o autoritarismo do regime do xá. Os dois resenhadores tiveram o cuidado de mostrar a ausência do contexto histórico, econômico e geopolítico da história do Irã e o cultivo de uma visão ficcional em alguns trechos na narração de fatos jornalísticos e históricos. Conforme lembra Trigo: “A distinção entre verdade e mentira pode não existir na literatura, mas no jornalismo existe e, sim, é importante, o que diz respeito à própria ética da profissão.” Observamos que os dois críticos de Kapskinski são jornalistas profissionais dedicados principalmente ao trabalho no jornalismo cultural. Lembramos de que se trata também de uma distinção válida para o

trabalho do historiador, para uma correta escrita da história, como lembram os especialistas da área (CERTEAU, 1982, pp.56-106). e (CARR, 1996, pp. 91-120).

Cabe observar também que tem havido e há impedimentos outros para o conhecimento das verdades históricas e jornalísticas entranhadas na cultura dominante.. Há relatos possíveis e aceitos em cada época sobre fatos marcantes para uma sociedade, repetidos e transmitidos ao longo do tempo.

Assim, o cânone da verdade jornalística e/ou histórica, pode também ser desrespeitado pelas condições de operação da cultura dominante. Por exemplo, a história oficial do país, desde a proclamação da República, passando pelos ditadores Getúlio Vargas no Estado Novo ao general Castelo Branco, na ditadura implantada em 1964, definiu Tiradentes como o mártir da Independência (VITORINO, 2010). Ensinavam-se nas escolas elementares esses fatos.e o jornalismo acrítico propagava essa versão oficial da história, a versão legitimada pelo discurso do poder político.

Atualmente ainda temos a presença dessa perspectiva sobre Tiradentes, mas já é possível recorrer ao trabalho de pesquisadores da história, como José Murilo de Carvalho, em cuja obra *A Formação das Almas* (1990) encontra-se uma interpretação de como foi construído o mito de Tiradentes, símbolo da República no Brasil.

Também um comentarista da rádio CBN questionou o mito oficial, em 21 de abril de 2010 ao declarar: “Tiradentes foi um pobre alferes, que lutou e morreu na Inconfidência Mineira, pelo direito da burguesia da Colônia pagar menos impostos ao colonizador português” (JABOR, 2010). Talvez falte ao comentário do jornalismo em rádio a necessária exatidão histórica. Mas em jornalismo, o comentário é um gênero opinativo, em que se permite externar visões subjetivas sobre os temas tratados pelo autor, e nesse caso ressaltamos a importância dele questionar o mito de Tiradentes

4. Jornalismo, memória e história

A lembrança dos 50 anos do golpe de 1964, provocou a produção de uma série de atividades e a publicação de textos na mídia e a realização de efemérides dedicadas à história e à memória do período. Jornalistas refletem sobre suas experiências e temos leituras em diferentes perspectivas.

Alguns deles registram críticas sobre o que tem sido publicado. E dentre estas, destacamos as observações de Jânio de Freitas, que é colunista da Folha de S. Paulo desde 1980, com trabalhos anteriores importantes no Jornal do Brasil, na Última Hora e no Correio da Manhã nos anos sessenta.(http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/janio_de_freitas).

Sendo participante da história do período da ditadura questiona como tem sido o registro do que passou

Minha geração e suas vizinhas, de baixo e de cima, têm dado provas agudas de falta de memória histórica. Os 50 anos do golpe de 64 solicitam de suas restantes testemunhas o que, pelo já visto a outros propósitos, tais gerações parecem não dispor no volume e na qualidade devidos, senão obrigatórios.

Mas, com pesar pela má palavra, a efeméride provoca um agravamento que assombra: às torções de memória, em uns, junta-se o não sei o quê de inúmeros historiadores, cientistas políticos, antropólogos e outros. O resultado, pelo que li e ouvi em parte de mesas redondas, é uma ininteligível balbúrdia de ficção, imprecisões e, se há acadêmicos, presunção. (FREITAS, 1914)

Embora Jânio de Freitas não cite todas as leituras sobre 64 que o desanimaram, compreendemos seus reparos a abordagens da história de curta duração que insistem em destacar fragmentos de um processo para torná-lo a causa principal, omitindo outros fatores essenciais ao processo. Ele explica:

Pode ser difícil esperar que a onda passe para tentar uma contribuição contra o mais impróprio. Já nestes dias, uma tal “guinada de Jango com o comício do dia 13”, em texto baseado no trabalho de um professor/historiador, deforma os fatos históricos. O comício foi um ato a mais no processo que se desenvolveu sem guinada alguma de Jango e de suas forças sindicais e partidárias. Se não se entender os processos retilíneos e paralelos, nada se entenderá da formação e da execução do golpe. E da sua instituição como poder. (FREITAS, 1914)

Ressaltamos o trabalho dos jornalistas para o estabelecimento da memória sobre a história recente, os os anos sessenta do século passado, ao pesquisar documentos e entrevistar pessoas e escrever as próprias memórias.

E verificamos as possibilidades de uso de uma história pública, quando analisamos a publicização das memórias e história da ditadura de 1964, seja em pesquisas acadêmicas, seja em reportagens e artigos, nas memórias, nos textos de ficção. Pesquisadores e professores comparecem em diferentes meios de comunicação para apresentar em textos acessíveis os resultados de seus estudos acadêmicos. Há os que se destacam pelos seus artigos e reportagens no jornalismo sobre o regime pós 64 e a permanência de heranças dele no tempo presente como Luiz Cláudio Cunha. Também notamos jornalistas que se apoderam dos métodos e técnicas de trabalho da história para escrever seus textos, seja em reportagens (Chico Otávio em *O Globo*); seja em obras sobre personagens ou temas da história recente, realizadas com extensa pesquisa documental confrontando informações orais com documentos impressos e audiovisuais. Mário Magalhães publica *Marighella*. Leonêncio Nossa escreve *Mata!* e. Elio Gaspari reedita a série de 4 volumes sobre a

Ditadura de 64. Gáspari cria um site onde disponibiliza documentos primários sobre o tema de sua pesquisa.

5. Imagem, história e jornalismo

Ao ver no site do IMS—Instituto Moreira Salles *Os Pavões de Millôr* (2014) lembramos o jornalista, pensador, escritor, tradutor e artista do desenho e da palavra que tanto nos fez refletir, rir e sonhar. A enigmática afirmação: “Jornalismo é oposição. O resto é armazém de secos e molhados.” percebemos o lugar do jornalismo na história do mundo. Porque oposição não significa necessariamente uma reação a algo estabelecido, um ser contra a algo partidariamente apenas. É antes de tudo a possibilidade do exercício de pensar, opinar, mostrar lados não vistos, revelar algo que as pessoas desconhecem ou repudiam por crença, preconceito ou preguiça. É o desafio à acomodação, ao já visto, ao lugar comum, ao *stato quo*, ao dominante em qualquer instância.

Cássio Loredano, consultor do Acervo Millôr Fernandes no IMS (<http://www.ims.com.br/ims//explore/fotogramas/os-pavoes-de-millor>), também personagem da nossa história da imprensa alternativa, experiente cartunista e caricaturista é refinado apreciador das imagens do arquivo. Observa que Millôr gostava de brincar com pavões, personagens de muitos desenhos dele. Neste Fotograma (Ver Anexo 1), Loredano comenta a série do encontro (provavelmente pós-1964) entre um militar muito condecorado e um pavão – ou seja, dois pavões. Loredano mostra algumas versões, elege a melhor e explica por quê. Podemos ouvi-lo e apreciar os trabalhos de Millôr em gravação no youtube: (<https://www.youtube.com/watch?v=kXKHwiUIyo>) :

“Millôr aparentemente gostava de brincar com o pavão no Cruzeiro.

Eu não me lembro agora se era só texto ou se tinha apoio de desenho, uma criança aponta: mãe uma galinha em flor!

Aqui nessa idéia você tem vários exemplos: exemplo de achado, de inspiração de pontaria e acerto, dos pontos de vista estético e político, de acidez de beleza' e ainda um exemplo de que obviamente ele sabia quando tinha chegado a uma *trouville*

e podia fazer duas ou mais versões da mesma piada.

E eis o encontro de dois pavões cada qual injuriado com a presença e com o aspecto do outro.

Os desenhos não são datados mas é perfeitamente possível que sejam do período pós 64, o que os torna um exemplo de coragem e desassombro.

E dele mesmo a frase: “Imprensa é oposição. Todo o resto é armazém de secos e molhados.”

O esboço parece ser o momento exato do achado. Os três militares são o mesmo

Millor está procurando para ele a melhor atitude, atitude que deixa a piada redonda, perfeita, como um ator que buscasse exaustivamente a entonação pra determinada cena, determinada fala.

O de baixo pensa mesmo em passar fogo no bicho e acabar com o sarcasmo a bala. E o da túnica vermelha já desembainhou a espada. É o desenho mais acabado, mais esmerado, mais vistoso, mais espetacular mas não é o melhor.

O melhor é a outra versão finalizada. O general não faz nada esta embaçado, esbugalhado, pasmo, ainda não deu tempo de elaborar aquela presença acintosa ainda não sabe o que é um acinte, não sabe se é um acinte, não faz nada. E aí que a piada fica perfeita. Imagino que essa seja a última versão, que é a mais inteligente, a melhor, que bota a situação a nu.

Eram estes carnavalescos, não a inteligentsia que sempre há e houve nas forças armadas... Eram estes carnavalescos perigosos que estavam governando, legislando

e bancando o judiciário e delinquindo em nome do estado, no Brasil e em mais cinco, às vezes seis outros países da América do Sul.” (LOREDANO, 2014)

A interpretação de Cassio Loredano envolve a memória e a história do Brasil recente, sintetiza e atualiza simbolicamente a trajetória intelectual e criativa de Millôr, falecido em março de 2012.

6. Sobre jornalismo e história

Pela nossa experiência no ensino, pesquisa e divulgação da história, achamos que o contato com alguma forma de narrativa sobre o passado pode ser positivo para a educação histórica de uma pessoa. Todos os tipos de textos podem despertar interesses por temas possíveis de serem depois investigados por outros meios.

Nessas condições, o jornalismo surge como um meio de construção de uma história pública. Nesse processo temos a participação de diversos personagens. Seja como pesquisadores científicos da história com o uso das teorias e métodos que caracterizam esse campo de trabalho. Seja no jornalismo científico que traduz as pesquisas para o conhecimento de outros especialistas, nas publicações interdisciplinares. Seja na ação de jornalistas que escrevem textos e livros a partir da leitura de obras elaboradas a partir de uma bibliografia eclética, envolvendo desde documentos primários até teses originais do campo acadêmico. O jornalismo atual que se constitui pela convergência e oferece a possibilidade de uso de meios impressos, digitais, audiovisuais e de mídias interativas. A história se legitima como um campo de exercício intelectual com possibilidades ainda não exploradas nas mídias...

Paradoxalmente, torna-se cada vez mais necessário desenvolver o trabalho da pesquisa e do ensino da história em todos os níveis para formar um cidadão capaz de atuar em um estado democrático de direito. O conhecimento de como se faz e se veicula história deixou de ser

um problema apenas de especialistas, pois é imprescindível esclarecer, para toda a população do país, as relações entre cultura, memória e história. Um signo positivo desta época são os sites de busca na internet, a ação de pesquisadores renomados que se dispuseram e se si dispõem a conversar com o público sobre os seus trabalhos, e que escrevem ou traduzem para uma linguagem acessível suas descobertas. Lembramos que notáveis historiadores como Jacques Le Goff, Robert Darton, Carlo Guinsburg e Fábio Koifmann não fugiam e não fogem do contato com o público presentes na mídia, conversando sobre temas que pesquisaram.

E quando analisamos a publicação das memórias e da história da ditadura de 1964, seja em pesquisas acadêmicas, seja em reportagens e artigos, nas memórias, nos textos de ficção, constatamos o desconhecimento pela maioria do público de fatos acontecidos na sua vida cotidiana, mas não veiculados nos ambientes em que viviam e pelos meios de comunicação de massa. Verificamos quanto é necessária a perspectiva da história pública que aglutina o trabalho de todos os envolvidos com memórias, histórias, divulgação, conservação, circulação de artefatos do passado-presente, sua análise, seu uso. E que reserva ao jornalismo um espaço privilegiado para a construção de novos conhecimentos para a maioria que desconhece o que acontece com a sua própria vida e que sequer sabe do seu desconhecimento.

7. Referências bibliográficas

CARR, Edward Hallet **Que é história?**, Trad. M. L. Alverga. Revisão técnica M Y. Linhares. Rio: Paz e Terra, 1996.

CARVALHO, José Murilo de **A Formação das Almas: o Imaginário da República no Brasil**, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de “O operação historiográfica”, in :**A escrita da história**, 2ª, ed..Trad.M.L Menezes, revisão técnica A. Vogel, Rio: Forense Universitária, 1982. pp.56-106.

FREITAS, Jânio de **Desmemórias** - Excerto da coluna publicada na *Folha de S.Paulo*, 16/3/2014 http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed790_desmemorias, edição 790, 18/03/2014. Última consulta em 10/07/2014.

FREITAS, Jânio de. **Perfil** em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/janio_de_freitas, Consulta em 12/07/2014.

FIGUEIREDO, Luciano. **Entrevista a .A. Ribeiro & M. Amoroso**, in revista **MOSAICO**, edição no. 3, ano II, 6 de julho de 2010 , CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, disponível em <http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=entrevista/entrevista-com-luciano-raposo-de-almeida-figueiredo> . Último acesso em 12 de julho de 2014.

GASPARI, Elio. <http://www.arquivosdaditadura.com.br> , documentos reunidos por Elio Gáspari. Última consulta em 16 de julho de 2014.

GOMES, Laurentino Entrevista dada em **Roda Viva, Tv Cultura**, em 26 de dezembro de 2011. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=mh8R4m02SWE>
Último acesso em 2 de julho de 2014.

GOMES, Laurentino). **1808. A Fuga da Família Real para o Brasil**. São Paulo: Planeta, 2007.

GOMES, Laurentino. **1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

GOMES, Laurentino. **1889 – Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil**, Rio de Janeiro: Globo Editora, 2013.

JABOR, Arnaldo **Tiradentes: por que nossos heróis não são vitoriosos?** Disponível em <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2010/04/21/TIRADENTES-POR-QUE-NOSSOS-HEROIS-NAO-SAO-VITORIOSOS.htm> , 2010. última consulta em 17/07/2014

KAPUSCINSKI, Rudyard .**O Xá dos Xás**, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MILLÔR & LOREDANO, Cássio. **Os pavões de Millôr**, site do Instituto Moreira Salles _ISM- <http://www.ims.com.br/ims//explore/fotogramas/os-pavoes-de-millor> & <https://www.youtube.com/watch?v=kXKHwiUIyo>
Último acesso em 15 julho de 2014.

NATALI, João Batista– (folhapress). **O último imperador**, in Gazeta do Alagoas, 29 de fev. de 2012, disponível em <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=197397> , 2012.
Última consulta em 11 de julho de 2014

NOSSA, Leonêncio. **Mata! O major Curió e as guerrilhas no Araguaia**, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TRIGO, Luciano. **O ‘jornalismo mágico’ de Ryszard Kapuscinski**. Sábado. 03/03/12. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2012/03/03/o-jornalismo-magico-de-ryszard-kapuscinski/#comments> , 2012. Último acesso em 09/09/2014.

VITORINO, Artur José Renda (2010). **A construção histórica do mito Tiradentes**, postado quarta-feira, 21/04/2010, <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=17> , no site história e-história, último acesso em 09/0/2014.

Anexo 1

<http://www.ims.com.br/ims//explore/fotogramas/os-pavoes-de-millor>

